

“EU NÃO SOU UM VÍRUS”: LINGUAGEM, MÍDIA E PRODUÇÃO DE SENTIDO

*João Vítor Sampaio de Moura*⁵⁵

Mestrando em Estudos Linguísticos na Universidade Federal de Uberlândia.

*Lucélia Cristina Brant Mariz*⁵⁶

Doutoranda em Estudos Linguísticos na Universidade Federal de Uberlândia.

*Alessandra Ribeiro Queiroz*⁵⁷

Mestranda em Estudos Linguísticos na Universidade Federal de Uberlândia.

RESUMO

A linguagem e a mídia proliferam informações que se modificam a partir das relações sociais. Dessa forma, este artigo pretende tecer algumas reflexões de como a linguagem, em relação à mídia, pode influenciar nos processos de produção de sentido, tendo como instrumento de análise uma imagem selecionada que contém cinco selfies de pessoas de descendência asiática, segurando cartazes com os dizeres “Não sou um vírus” em diferentes idiomas. Para alcançar o objetivo, utilizamos como metodologia a abordagem qualitativa interpretativa, que possibilitou compreender a subjetividade que envolve o objeto de análise, considerando o momento histórico e social a qual surgiu. Como pressupostos teóricos, selecionamos Bakhtin (1997), Fischer (2001), Kilomba (2019), Pêcheux & Gadet (1977;1998), Rajagopalan (2007), dentre outros. Os resultados interpretativos deste estudo, nos levam a refletir a influência da linguagem e da mídia na produção de sentidos, ocasionando impacto social e político, em uma rápida proliferação de informações.

Palavras-chave: Linguagem. Mídia. Produção de sentidos. Impacto social. Proliferação de informações.

55 Mestrando em Estudos Linguísticos na Universidade Federal de Uberlândia. Graduado em Letras Português/Inglês pela Universidade Estadual de Goiás. Artigo intitulado “Análise do poema “Eu não quero ser feminista! de Tawane Theodoro: traços de interseccionalidade do corpo feminino” selecionado para compor o livro digital sobre escravidão, gênero e raça do Ministério Público do Trabalho. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4179011639506808>.

56Doutoranda em Estudos Linguísticos na Universidade Federal de Uberlândia. Mestra em Gestão e Avaliação de Educação Pública pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Montes Claros. Artigo intitulado “Análise do poema “Eu não quero ser feminista! de Tawane Theodoro: traços de interseccionalidade do corpo feminino” selecionado para compor o livro digital sobre escravidão, gênero e raça do Ministério Público do Trabalho. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1482111292177695>.

57 Mestranda em Estudos Linguísticos na Universidade Federal de Uberlândia. Graduada em Letras/Inglês pela Universidade Estadual de Montes Claros. Artigo intitulado “Análise do poema “Eu não quero ser feminista! de Tawane Theodoro: traços de interseccionalidade do corpo feminino” selecionado para compor o livro digital sobre escravidão, gênero e raça do Ministério Público do Trabalho. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3630538635188160>.

ABSTRACT

Language and media proliferate information that changes from social relations. Thus, this article intends to weave some reflections on how language, in relation to the media, can influence the processes of meaning production, having as an instrument of analysis a selected image that contains five selfies of people of Asian descent, holding posters with the saying “I’m not a virus” in different languages. To achieve the objective, we used as a methodology the interpretive qualitative approach, which made it possible to understand the subjectivity that involves the object of analysis, considering the historical and social moment in which it emerged. As theoretical assumptions, we selected Bakhtin (1997), Fischer (2001), Kilomba (2019), Pêcheux & Gadet (1977;1998), Rajagopalan (2007), among others. The interpretative results of this study lead us to reflect the influence of language and media in the production of meanings, causing social and political impact, in a rapid proliferation of information.

Keywords: Language. Media. Production of meanings. Social impact. Proliferation information.

INTRODUÇÃO

Ao nascer, o indivíduo está inserido em uma nação, com suas culturas e linguagens próprias e conforme vai se desenvolvendo, esse sujeito começa a perceber como pode se expressar pelo seu corpo, utilizando sons, gestos, desenhos e fala ou pelo mundo ao seu redor, utilizando objetos de comunicação e/ou semelhantes. Entretanto, com o passar do tempo, essa linguagem social também vai se modificando, assim como as relações pessoais. As alterações são intrínsecas, mas ocorrem de maneira cotidiana, delicada, sem ser perceptível, muitas vezes, a olhos desatentos. Todavia, quando são observadas, é notável como as formas de expressão foram modificadas e adequadas ao mundo.

Atualmente, com a evolução tecnológica em que vivemos, essas formas de expressão podem ser consolidadas pelas mídias sociais. Elas, por sua vez, conseguem encaminhar notícias em tempo real e com rapidez, ou seja, a maioria das informações chegam ao nosso conhecimento de forma rápida. Por conta disso, pode aparentar um aspecto positivo em seu todo, todavia nem sempre ocorre dessa forma.

Por receber notícias de maneira rápida e de todos os lugares do mundo, podemos ficar suscetíveis às *fake news*, que são as notícias falsas espalhadas em todo meio digital possível, seja pelas redes sociais como Facebook, Twitter e Instagram ou por aplicativos de comunicação como o *WhatsApp* e o *Telegram*. Além das *fake news*, é importante destacar que, como essas informações circulam de maneira rápida por meio das mídias, elas podem espalhar preconceitos, seja o racismo, a

LGBTfobia, o machismo, a xenofobia, dentre outros. Isso se agrava quando comparamos o momento crítico em que o Brasil e o mundo se encontram no presente momento.

Nesse sentido, vale lembrar que, desde o início do ano de 2020, o Brasil se integrou numa situação de emergência pública provocada pelo COVID-19⁵⁸. Esse surto percorreu todo o mundo, o que se caracterizou como uma pandemia. Tal enfermidade epidêmica mobilizou a Organização Mundial de Saúde (OMS), a qual decretou o surto como Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (Opas, 2020). Durante esse período, que se estende até o presente momento, podemos perceber como as informações estão sendo cada vez processadas de maneira mais rápida, seja positiva ou negativamente.

Assim, objetivamos refletir como a linguagem e a mídia podem influenciar nos processos de produção de sentido, tendo como instrumento de análise uma imagem divulgada no site VOX ATL⁵⁹, postada por James Rhee em 17 de março de 2020, com cinco selfies de pessoas de descendência asiática, segurando placas e cartazes com os dizeres “Não sou um vírus” em diferentes idiomas.

Para tanto, essa pesquisa se apresenta numa abordagem qualitativa interpretativa, com o uso de imagem como recurso para alcançar o objetivo proposto. Para Minayo (2002: 21), “a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado”, destarte, a metodologia torna-se necessária nessa análise, considerando a subjetividade que envolve o trabalho. Quanto à abordagem interpretativa, Minayo (2002: 77) dispõe que o primeiro nível de interpretação a ser considerado, deve versar sob o contexto “sócio-histórico”, dessa forma, contextualizamos a imagem pesquisada, considerando o momento histórico e social a qual surgiu.

A autora ainda estabelece que as fotografias se apresentam como importantes recursos de registros, que podemos recorrer durante a pesquisa, “esse registro visual amplia o conhecimento do estudo porque nos proporciona documentar momentos ou situações que ilustram o cotidiano vivenciado” (Minayo, 2020: 63). O uso do recurso de imagens possibilita a ampliação das investigações, com amplas fontes de registros para análise. A incorporação de imagens no estudo traz à tona as diferentes práticas de linguagem, o que tem ampliado os estudos sobre produção de sentido.

58 O coronavírus (COVID-19) é uma doença infecciosa causada pelo vírus SARS-CoV-2. Possui rápida transmissão e fácil contágio.

59 Site criado por adolescentes com o intuito de abolir os estereótipos pejorativos destinados a eles e apresenta conteúdos diversos destinados a esse público.

Por fim, esse artigo está organizado em cinco partes. Como início, apresentamos a “Introdução”, na qual situamos as questões que vislumbram nosso trabalho, bem como a metodologia proposta para a pesquisa. Em seguida, discorremos a seção “A linguagem como mecanismo na e para a sociedade” para mostrar como a linguagem permeia a vida do ser humano desde a antiguidade, a fim de promover a interação entre o homem e o seu meio. Na sequência apresentamos “A mídia no processo de proliferação de informações”, a fim de compreender a relação da mídia com o meio em que vivemos e o processo de disseminação de informações.

Na quarta seção, intitulada “Observando as produções de sentido através da imagem”, procedemos à análise da imagem “Não sou um vírus”, que retrata tanto as questões de linguagem verbal e não verbal presentes na figura, como a propagação das informações nas mídias. Encerrando o trabalho apresentamos as “Considerações Finais”, retomando aos objetivos propostos, como meio de avaliar os resultados da pesquisa.

Ressaltamos que a interpretação dos termos utilizados no trabalho e da imagem analisada, está relacionada com a nossa forma de percepção, contudo não há uma interpretação única sobre os assuntos discutidos. Esse artigo apresenta uma breve explanação da produção de sentidos na linguagem e na mídia, num contexto pandêmico.

A LINGUAGEM COMO MECANISMO NA E PARA A SOCIEDADE

A linguagem permeia a vida do ser humano desde a antiguidade. Mesmo quando não havia comunicação oral ou escrita, sempre se buscou formas de promover a interação entre o homem e a sociedade, tanto para o convívio social, quanto para registrar a história da humanidade.

Nesse sentido, Vygotsky (2008) compreende a linguagem como fundamental na comunicação e interação do ser humano com o mundo, afirmando-a como um processo social que exerce influências sobre o seu desenvolvimento. Para o autor, a fala é primordial para a comunicação entre o sujeito e a sociedade, e sem ela, o desenvolvimento é prejudicado. Mesmo que nas ideias de Vygotsky haja preponderância da fala, atualmente compreendemos que a linguagem e a comunicação ocorrem de outras maneiras também.

Bakhtin (1997) configurou-se como um pesquisador extremamente importante para a compreensão da linguagem, enquanto meio de expressão e interação, além de apresentá-la como viva, mutável e modificável, de acordo com o meio em que é desenvolvida. Nesse sentido, a língua relaciona-se com a nação que a utiliza e as formas como se expressam, utilizando, muitas vezes, o corpo como instrumento de representação de sentimentos, culturas e frustrações.

Para Orlandi (2010), a análise do discurso ocorre por meio da linguagem, na qual existe a mediação entre o homem e a sociedade. Dessa forma, ao realizá-la, não é possível limitar a ação ao entendimento das palavras, pois o contexto social, cultural, financeiro, ideais políticos, sociais e morais do sujeito devem ser observados, além de sua postura e formas de expressão. Compreende-se que a linguagem não é um elemento que ocorre distanciado da realidade, por meio de palavras soltas. Ela tem um contexto, interferências e influências que modificam os posicionamentos dos indivíduos.

Sobre isso, Moraes (2010) compreende que a linguagem extrapola o âmbito da comunicação, pois possibilita a troca de informações, conceitos, pensamentos e atitudes. Acrescenta ainda, que por meio da linguagem escrita, verbal ou gestual, a aprendizagem do educando acontece, e com o contato com diversas linguagens, o sujeito vai ressignificando seus saberes, aprendendo e reaprendendo.

Complementando, Rajagopalan (2007) concebe a linguagem como instrumento de destaque da política social, pois é por meio dela que as injustiças sociais vivenciadas pelas comunidades são manifestadas. A linguagem conta os momentos históricos, de lutas e desafios, e, para o autor, a ligação entre a consciência crítica e a linguagem, promove mudanças políticas e sociais. Podemos citar como exemplo, as questões que envolvem racialidade. Por muitas décadas culturas e povos não tiveram suas características e formas de expressão reconhecidas, enquanto outras nações exerciam o poder e o domínio sobre a colonização, propagando seus ideais, culturas, crenças e padrões.

Nesse sentido, muitas nações, inclusive em nosso país, ficaram silenciadas, marginalizadas e suas linguagens começaram a ser esquecidas, perdendo-se ao longo da história. Sobre isso, Kilomba afirma que “a negação é usada para manter e legitimar estruturas violentas de exclusão racial (Kilomba, 2019: 24). Todavia, também é possível compreender a língua como elemento integrador na nação, pois relaciona-se com suas origens, etnias, identidades, valores, concepções e modos de conviver.

No Brasil, é possível perceber como a origem da linguagem é mista, composta por diversas nacionalidades, tais como: indígenas, africanas, europeias, entre outras. Além disso, encontramos diferenças nas linguagens regionais, compreendendo não somente o sotaque e as características da fala, mas também os discursos dos sujeitos e a forma como seus corpos demonstram sentimentos, emoções e sentidos. Assim, dentro de um único país, há diversos tipos de linguagem que são específicas, singulares e características de cada região.

Bakhtin (1997) interpreta, portanto, que o ser humano é inserido em uma teia social por meio da língua, e é assim que se estabelecem as relações entre as culturas, ideologias e a identidade cultural. O autor compreende que não há cultura sem língua, pois é por meio dela que as relações são

construídas. Corroborando, Pêcheux & Gadet (1977) nos leva a refletir sobre a relação entre língua e formações ideológicas, em que práticas linguísticas se movem e desenvolvem junto aos movimentos de massas, as revoluções.

Pelas razões expostas, ensejamos que, os assuntos envolvendo a linguagem, sejam tratados de maneira consciente, política e ética. Contudo, atualmente, com o avanço da tecnologia, e com o isolamento social como medida de contenção do COVID-19, a linguagem tem se destacado com aspectos diferentes, influenciada pelos meios de comunicação, especialmente as mídias sociais.

As conexões permitem que as informações cheguem às pessoas com maior celeridade, o que contribui para a redução de um filtro que possa estabelecer padrões de análise mais apurados sobre a veracidade da informação. Na próxima seção, aprofundaremos acerca das mídias, como responsáveis pela difusão das informações nos meios de comunicação de massa.

A MÍDIA NO PROCESSO DE PROLIFERAÇÃO DE INFORMAÇÕES

A mídia se relaciona com o meio em que vivemos e contribui para o processo de disseminação de informações sobre acontecimentos em tempo acelerado. Diante do contexto cibernético que nos é apresentado, a mídia em geral acaba se tornando um objeto de controle sobre a população em razão de sua função informativa.

A mídia, portanto, surge com a expansão da opinião pública com poder social, ideológico, econômico, especialmente por ter sido, à época de sua constituição, a maior fonte de informação e entretenimento para a população. Nessa ótica, Hashiguti e Tagata (2016) demonstram, em suas obras, a importância da informação enquanto moeda mais valiosa do milênio, já que, quem a detém, detém poder.

Assim, é possível compreender que a construção da linguagem é influenciada pela mídia. A veiculação da informação se caracteriza como fonte de todo conhecimento e captação de matéria para qualquer arguição sobre os mais diversos tópicos. Castells (2001) afirma que, se algo está fora da mídia, assume condição de marginalidade. Isso porque, apesar de poder, em seu significado mais simplório, ser definida como a “(...)reunião do que se relaciona com comunicação; Meio através do qual as informações são divulgadas; os meios de comunicação” (Mídia, 2019), não pode mais ser definida baseando-se apenas na transmissão de informações, uma vez que possui como característica, na atualidade, ser formadora de opiniões, da identidade da sociedade, da moldagem da linguagem e modo de vida dos indivíduos, além da construção de relações entre eles.

Nesse sentido, o Brasil, segundo o relatório Digital News Project, realizado pelo Reuters Institute, é o segundo com maior índice de confiança nos veículos de comunicação tradicionais - o primeiro ocorre na Finlândia, em que 60% dos entrevistados admitem confiar nas notícias publicadas (Newman, 2017: 5), ou seja, a mídia exerce influência na opinião pública e estabelece princípios acerca do comportamento e escolhas dos cidadãos.

Sob outro prisma, a existência de uma memória individual, no que envolve a mídia, é guardada pelo sujeito como reflexo de sua vivência construída, a partir do conhecimento do universo em que está socializado, direcionada à formação de sua parcela de saberes do mundo. É possível apontar que a memória, portanto, é um importante instrumento de direção na vida de cada pessoa. Nesse sentido, levando em consideração a pandemia em que estamos inseridos atualmente, podemos inferir que as informações que estão circulando nas mídias, atuam com soberania na memória do indivíduo.

No mesmo viés, Fischer (2001) afirma que a mídia não é apenas responsável pela veiculação de discursos, mas pela elaboração de significados, identidades e sujeitos. Assim, é possível concluir que é a mídia quem escolhe quais imagens se tornam ícones e quais imagens, discursos e sujeitos não devem se tornar um marco. Cabe à mídia, em maior parte, decidir o que e quem deve ser lembrado ou esquecido.

Diante da nova realidade que se desvela aos olhos humanos, na contemporaneidade, um fenômeno que se torna corriqueiro nessa realidade é o da viralização da informação, que consiste na intensa repercussão de um conteúdo por meio de múltiplos compartilhamentos, resultando em alta notoriedade, em um curto período de tempo, capaz de alcançar tanto a dimensão nacional, quanto a mundial. Ela pode ser eternizada no meio digital, ainda que sua divulgação tenha ocorrido de forma involuntária ou indesejada pelo noticiado.

Na próxima seção, apresentaremos a análise que retrata um modelo de linguagem, contextualizado no período da pandemia do COVID-19, que viralizou nas mídias, ocasionando impacto social e político, numa rápida proliferação de informações.

OBSERVANDO AS PRODUÇÕES DE SENTIDO ATRAVÉS DA IMAGEM

Pretendendo refletir a influência da linguagem e da mídia nos processos de produção de sentido, analisaremos uma imagem que retrata cinco selfies de pessoas de descendência asiática, segurando placas e cartazes com os dizeres “Não sou um vírus”, em idiomas distintos, o espanhol, o

inglês, o francês e o catalão, colocados na direção do rosto. A imagem foi retirada do site VOXATL⁶⁰, postada por James Rhee em 17 de março de 2020, juntamente com um artigo intitulado “Com COVID-19, o estigma e a xenofobia estão se espalhando mais rápido que o vírus”.

Observamos que as escritas estão sobrepostas no rosto, em local que, normalmente, as máscaras são colocadas. Para Kilomba (2019: 43), “a máscara recria esse projeto de silenciamento e controla a possibilidade de que colonizadas/os possam um dia ser ouvidas/os e, conseqüentemente, possam pertencer”, para tanto, compreendemos que a imagem, ao mostrar somente o olhar, representa a tentativa de ruptura do silenciamento, por meio das mídias, tornando visível e dizível seus anseios e suas angústias.

No enunciado da imagem, podemos perceber uma abordagem de impacto político e social, tendo em vista que ele nos leva a refletir sobre o aumento na discriminação racial, após o início da pandemia. Destacamos o automatismo com que se faz, no imaginário social, a relação entre o COVID-19 e a imagem do descendente asiático. Sobre o enunciado, Fischer aponta:

Ao mesmo tempo, as relações de poder implicadas na produção social de sujeitos não se separam de um aparato discursivo bastante complexo: ou seja, normas e prescrições são sobretudo linguagem, verbo, significações construídas, sentidos multiplicados em atos muito concretos. Os enunciados de um discurso são sempre históricos e como tal devem ser analisados: são sempre um acontecimento, que nem a língua nem o sentido podem esgotar inteiramente. (Fischer, 2001: 594)

Ou seja, o enunciado, a data de publicação, os cartazes que remetem ao vocábulo “vírus”, os marcantes olhos puxados e os cabelos lisos das pessoas associadas à imagem, não nos deixam dúvidas de que se trata do COVID-19, tendo em vista o país em que o vírus foi inicialmente descoberto.

Com o olhar mais atento aos rostos expostos na imagem, deduzimos não se tratar de chineses, como se pensaria, num olhar superficial. São descendentes da etnia asiática, entretanto, os idiomas que identificam os sujeitos, nos cartazes e placas, apresentam línguas românicas, o que nos remete à intenção da relação entre a linguagem visual e a linguagem escrita: abordar a xenofobia que se espalhou juntamente com o vírus. Rajagopalan (2007: 18) estabelece que “é na própria linguagem que devemos buscar as respostas para uma boa parte dos enigmas em torno da conduta humana”, pois é nela que manifestações, em diferentes contextos sociais e históricos se estabelecem.

As notícias sobre o surto do COVID-19 ter se manifestado, inicialmente na China, fez com que o mundo inteiro direcionasse o olhar para o país, o que gerou, em muitas situações,

⁶⁰ RHEE, J. *Coronavirus Racism and Xenophobia Is Spreading Faster Than the Virus*. VOXATL, 2020. Disponível em: <<https://voxatl.org/covid-19-coronavirus-racism-xenophobia-stigma-spread/>>. Acesso em: 18 set. 2021.

constrangimentos para as pessoas com descendência asiática em todo mundo, tendo suportado atos racistas e xenofóbicos. Na imagem, eles externalizam a angústia vivenciada, com a frase que deixa subentendido que eles não são um vírus, mas pessoas, portanto, não podem ser associados a ele, tendo em vista que o risco de contágio é o mesmo para qualquer um.

Com a incorporação da imagem no estudo do discurso, observamos que a linguagem transcende o verbal, especialmente nos dias atuais, que as comunicações verbais estiveram mais limitadas, em consequência do isolamento social como medida de contingenciamento para o COVID-19. Diante desse quadro, diferentes práticas de linguagem são utilizadas, incluindo a visual. Nesse sentido, Hashiguti e Tagata (2016) dispõem acerca da necessidade de utilizar a imagem como objeto de pesquisa nos estudos sobre discurso, tendo em vista o surgimento de diversas formas de linguagem atualmente.

Para isso, as análises de *corpus*, que consideram diferentes espaços, especialmente os espaços virtuais, ampliaram os estudos sobre discurso nos últimos tempos. As práticas de linguagens são diversas e têm sido motivadas pela expansão digital, que permite a participação ativa dos usuários, fazendo com que o corpo se adapte e altere as práticas de linguagem (Hashiguti, 2019). Vale ressaltar que a interpretação da imagem está relacionada com a forma de recepção, portanto, não há uma interpretação única. A compreensão, sobretudo, baseia-se na força e caráter da momentaneidade. Na imagem em questão, a interpretação vinculada ao momento de pandemia, é vivida por todos os países.

Por essas razões, que os documentos e fotos compartilhados na mídia, tornam-se significadores do discurso digital com estratégias autobiográficas que, em razão da impossibilidade do esquecimento, se apresentam enquanto estratégias de ressignificação. Não por acaso, a imagem escolhida representa uma ressignificação entre o que se vê e o que se sabe (ou que acha que se sabe) sobre o que se vê: a relação entre o visível, e o dizível na imagem é clara, já que a associação entre os dizeres “Não sou um vírus” (em diversas línguas, nenhuma delas o chinês) e a imagem de descendentes de asiáticos, ressignifica as normas impostas aos cinco sujeitos apresentados. A informação que se tem é nova e define formações identitárias, de forma que representa, também, uma reformulação da memória coletiva.

CONCLUSÃO

Podemos entender que, a linguagem existia antes de nós, durante nossa vida e continuará existindo enquanto a humanidade perdurar pela terra, independente da época ou das condições,

sempre haverá uma forma de estabelecer relações comunicativas entre os sujeitos, inclusive na mídia, num processo que prolifera informações em diferentes espaços de tempo. Com isso, Orlandi (2010), dispõe que os objetos simbólicos produzem sentidos, analisando assim os próprios gestos de interpretação que os constituem.

Sendo assim, esse trabalho objetivou refletir a influência da linguagem e da mídia nos processos de produção de sentidos, utilizando a imagem “Eu não sou um vírus” como exemplo, para compreender o impacto, tanto social, quanto político, diante da discriminação racial contra pessoas asiáticas. Sobre isso, Pêcheux e Gadet (1998: 16) abordam sobre os processos ideológicos da língua que “o sistema da língua é sempre o mesmo para o materialista e para o idealista, para o revolucionário e para o reacionário, para o que dispõe de um conhecimento dado e para o que não dispõe dele”, sendo o contexto histórico, político e social o que difere as implicações resultantes de cada situação.

Com isso, ao evidenciarmos a imagem apresentada nas mídias, foi possível entender a ressignificação dos sentidos obtida, trazendo a relação do visível e dizível, na tentativa de quebrar estereótipos por meio de narrativas visuais. Assim, ao analisarmos do ponto de vista das pessoas de descendência asiática, no contexto da pandemia do COVID-19, vemos corpos cansados, desvalorizados, sendo acusados e silenciados por meio de tanta opressão.

Fischer dispõe que “para além da quantidade de coisas ditas, importa observar na análise todos aqueles cruzamentos propostos – considerando as diferenças de classe, de situação social, de nível de informação” (Fischer, 2001: 597). Sendo assim, alinhar esses cruzamentos é um desafio contínuo, sendo que a linguagem disseminada nas mídias possui uma parcela de contribuição muito importante nesse processo. Esse olhar permite um entrelaçamento que emerge da ideia de diversidade e respeito ao próximo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. Marxismo e filosofia da linguagem. 8 ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

CASTELLS, M. O poder da identidade. Tradução de Klauss Brandini Gerhardt. 3. ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2001. v. 2.

FISCHER, R. M. B. Mídia e educação da mulher: uma discussão teórica sobre modos de enunciar o feminino na TV. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 586-599, 2001.

HASHIGUTI, S. T. Prefácio: Gêneros híbridos e(m) discurso. In: HASHIGUTI, Simone Tiemi (Org.). O Corpo e a Imagem no Discurso: Gêneros Híbridos. 1 ed. Uberlândia: EDUFU, 2019, v. 1, p. 9-20.

HASHIGUTI, S. T.; TAGATA, W. M. Apresentação. In: HASHIGUTI, Simone Tiemi; TAGATA, William Mineo (Orgs.). *Corpos, Imagens e Discursos Híbridos*. Campinas: Pontes, 2016, pp. 9-20.

KILOMBA, G. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

MÍDIA. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7 Graus, 2019. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/midia-2/>

MINAYO, M. C. S. (org.). *Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade*. 21 ed. Petrópolis: Vozes, 2002. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/franciscovargas/files/2012/11/pesquisa-social.pdf>

MORAES, R. O significado do aprender: linguagem e pesquisa na reconstrução de conhecimentos. *Conjectura*. v. 15, n. 1, jan./abr. 2010.

NEWMAN, N. et al. *Digital News Report 2017*. Reuters Institute, 2017. Disponível em: https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/Digital%20News%20Report%202017%20web_0.pdf

OPAS, Organização Pan Americana de Saúde. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19>

ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso: princípios & procedimentos*. 9. ed. Campinas: Pontes, 2010.

PÊCHEUX, M.; GADET, F. Há uma via para a linguística fora do logicismo e do sociologismo? Tradução de Eni Orlandi. In: *Escritos*, n. 3. *Discurso e Política*. Laberubr/ Nudecri, Campinas, 1998, pp.06-16. Disponível em: <https://www.labeurb.unicamp.br/portal/pages/pdf/escritos/Escritos3.pdf>

PÊCHEUX, M.; GADET, F. Linguagem, cidade, política e sociedade: Discurso e política. In: ORLANDI, E. P (Org.). *Laboratórios de Estudos Urbanos/Nudecri*: Campinas, 1977.

RAJAGOPALAN, K. *Por uma linguística crítica*. São Paulo: Unicamp, 2007.

VYGOTSKY, L. S. *Pensamento e linguagem*. 4.ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2008.